

## INVESTIGAÇÃO ACERCA DO CONHECIMENTO DE ALUNOS DE MEDICINA VETERINÁRIA, VETERINÁRIOS E POPULAÇÃO A RESPEITO DA LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA (LVC) NO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS

LÍVIA FREITAS GIULIANI<sup>1</sup>; ANDRESSA MACHADO BRIÃO<sup>2</sup>; VERONICA DE SIQUEIRA LACERDA<sup>3</sup>; LUIZA ARAUJO LIPERT<sup>4</sup>; VITÓRIA RAMOS DE FREITAS<sup>5</sup>; PAULA COSTA DOS SANTOS<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Centro Universitário da Região da Campanha - liviagiuliani193337@sou.urcamp.edu.br

<sup>2</sup>Centro Universitário da Região da Campanha – andressabriao193581@sou.urcamp.edu.br

<sup>3</sup>Centro Universitário da Região da Campanha – veronicalacerda19284@sou.urcamp.edu.br

<sup>4</sup>Centro Universitário da Região da Campanha – luizalipert191349@sou.urcamp.edu.br

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas - vitoriarfreitass@gmail.com

<sup>6</sup>Centro Universitário da Região da Campanha – paulasantos@urcamp.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

A leishmaniose visceral canina (LVC) é uma doença causada por um protozoário do gênero *Leishmania sp* e afeta os cachorros, que são considerados como os principais portadores na propagação urbana da doença, representando um elo fundamental na transmissão para os seres humanos (SCHIMMING et al., 2012). No Brasil, a LVC é disseminada através da picada de um inseto da família dos flebotomídeos, pertencente ao gênero *Lutzomyia* e à espécie *Lutzomyia longipalpis*. Esse inseto é conhecido popularmente como mosquito-palha, birigui ou tatuquiras e é considerado o principal vetor no Brasil (SCHIMMING et al., 2012).

No Brasil, a LVC é uma doença de notificação compulsória, ou seja, é obrigatório comunicar a ocorrência de suspeitas e casos (BRASIL, 2014). Os sinais clínicos da doença dependem da resposta imunológica do animal infectado, podendo variar de acordo com cada animal. A maioria dos cães são assintomáticos, enquanto os caninos sintomáticos podem apresentar lesões cutâneas, eczema, descamação nasal e úlceras pelo corpo e articulações (SILVA et al., 2018).

O diagnóstico da leishmaniose visceral canina é um desafio devido à diversidade de métodos disponíveis, cada um com suas vantagens e limitações. Geralmente, a combinação de testes sorológicos com métodos parasitológicos é utilizada para confirmar a infecção, no entanto, a sensibilidade e especificidade desses testes podem variar (SOLANO-GALLEGO et al., 2009)

De forma a contribuir para a conscientização da comunidade, estudantes de medicina veterinária e médicos veterinários sobre os riscos da leishmaniose visceral canina e disseminar informações relevantes sobre a doença, o objetivo do presente trabalho foi avaliar o nível de conhecimento dos mesmos a respeito da LVC em Bagé/RS através de questionários desenvolvidos para cada um dos grupos de indivíduos.

### 2. METODOLOGIA

O presente projeto é do tipo investigativo e exploratório, foi realizada uma revisão bibliográfica através das principais bases de pesquisa online como Google acadêmico, Scielo e PubMed a respeito da doença. A partir da revisão sobre o tema, foram desenvolvidos três tipos de questionários: à comunidade, aos médicos veterinários e aos estudantes de medicina veterinária da cidade de

Bagé/RS, todos a respeito do conhecimento sobre a LVC. Entre os questionamentos presentes estavam: “Com qual frequência você ouve falar sobre LVC?”, “LVC é uma zoonose?”, “LVC é uma doença contagiosa?”, “Existe algum método de prevenção?”, “Existem vacinas que protejam da doença?”, “Qual procedimento você adotou ao diagnosticar um animal com leishmaniose?”, “Animal soropositivo, porém sem sinal clínico, qual sua conduta?” e “Situações onde a eutanásia é indicada ou obrigatória”.

Os questionários destinados à comunidade foram distribuídos às pessoas que aguardavam atendimento em uma unidade de castramóvel, que atende a população da cidade, enquanto os questionários atribuídos aos estudantes de medicina veterinária foram distribuídos aos alunos do oitavo e nono semestre do Centro Universitário - URCAMP e aos médicos veterinários foram distribuídos em clínicas veterinárias da cidade de Bagé/RS.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 32 pessoas e obtidas as respostas dos questionários aplicados à população. Quando questionados sobre a frequência em que ouvem falar sobre a LVC, a maioria (68,8%) nunca havia escutado sobre, além de 87,5% desconhecerem que a doença é uma zoonose, 100% dos entrevistados afirmaram que todas as informações que obtiveram sobre a doença foi através da internet. O conhecimento desempenha um papel fundamental na compreensão e prevenção da LVC. O fornecimento de informações sobre os ciclos de vida da parasita, os mecanismos de transmissão e os fatores de risco associados permite a implementação de estratégias eficazes de prevenção e controle. Compreender a relação entre os casos caninos e as infecções humanas é crucial para a formulação de políticas de saúde pública que visem mitigar a propagação da doença e proteger tanto os animais de estimação quanto as populações humanas em risco (BRASIL, 2014).

Em relação ao agente etiológico da doença 37,5% dos entrevistados afirmaram se tratar de um vírus. O agente na verdade se trata de um protozoário gênero *Leishmania* sp, a qual a contaminação ocorre por meio da picada da fêmea dos mosquitos flebotomíneos (JUNIOR et al., 2021).

Os resultados obtidos através da visita às clínicas veterinárias na cidade, entrevistando exclusivamente médicos veterinários, responsáveis técnicos pelos estabelecimentos ou não, totalizaram 13 questionários respondidos. A maioria (68,4%) dos entrevistados afirmou atuar na área de clínica de pequenos animais. Em relação a casos positivos para LVC atendidos durante a sua atuação na rotina clínica 15,4% afirmaram já ter realizado algum diagnóstico positivo para a doença, enquanto 84,6% afirmaram que nunca tiveram casos positivos para a doença. No entanto, quando questionados sobre suspeitas de LVC durante uma investigação diagnóstica, o número foi maior, totalizando 61,5%, enquanto 38,5% nunca haviam tido casos de suspeita. Na região sul, a incidência da LVC é relativamente baixa em comparação com outras regiões do país, devido a fatores climáticos e ambientais que limitam a atmosférica do vetor e a transmissão do parasita. No entanto, apesar da baixa prevalência, a vigilância contínua é essencial para detectar e controlar eventuais casos, garantindo a prevenção da transmissão (BRASIL, 2014).

A importância dos diagnósticos diferenciais que incluem a leishmaniose é crucial para evitar confusões com outras doenças de sintomas semelhantes. Diagnósticos precoces e precisos são fundamentais para fornecer o tratamento

adequado e evitar a propagação da LVC. Além disso, considerando que a LVC compartilha sinais clínicos com outras condições, como a erliquiose e a babesiose, um diagnóstico abrangente e diferencial ajuda a evitar tratamentos inadequados e a promover a saúde geral dos animais (COSTA et al., 2020). Os principais diagnósticos diferenciais citados pelos médicos veterinários foram seborréia e pênfigo (26,9%), babesiose e erlichiose (19,2%) e esporotricose (15,4%).

Ao suspeitar de um caso de LVC é importante agir de maneira adequada para confirmar o diagnóstico e tomar as medidas necessárias (BRASIL, 2006). Para os veterinários que responderam já ter tido casos suspeitos de LVC na rotina clínica, foi questionado a respeito dos procedimentos a serem realizados, assim que estabelece-se a suspeita, a maioria (46,2%) respondeu solicitar exames complementares. No entanto, 23,1% dos entrevistados responderam iniciar o tratamento a partir da suspeita clínica, 7,7% notificaram ao centro de controle de zoonoses, 7,7% notificaram a secretaria municipal de saúde e 15,4% dos entrevistados notificaram a vigilância sanitária. A notificação da vigilância sanitária sobre a LVC é crucial para monitorar e controlar a propagação da doença. Através desta notificação, às autoridades de saúde podem acompanhar sua distribuição geográfica, identificar áreas com maior prevalência e implementar medidas de prevenção e controle de maneira mais eficaz (BRASIL, 2014).

Quanto ao diagnóstico, a maior parte (65%) dos entrevistados respondeu que solicitam testes sorológicos em casos suspeitos de LVC, seguido pelos testes moleculares (15%), histopatológico (10%) e exames parasitológicos (10%). O diagnóstico da LVC envolve uma abordagem multidisciplinar que combina avaliação clínica, exames laboratoriais e testes sorológicos. Inicialmente, o médico veterinário realiza uma avaliação clínica detalhada, observando sintomas da enfermidade. Amostras de sangue, linfa ou tecido podem ser coletadas para análise laboratorial, como a observação microscópica direta de amastigotas, que são as formas intracelulares do parasita. Além disso, testes sorológicos, como o ELISA e o teste de imunofluorescência, são realizados para detectar anticorpos específicos contra o parasita. A combinação de informações clínicas e resultados de testes é essencial para um diagnóstico preciso e para diferenciar o LVC de outras doenças com sintomas semelhantes (BRASIL, 2006).

Em relação aos estudantes de medicina veterinária que participaram do estudo, estes totalizaram 12 respostas ao questionário. Sobre a frequência que esses estudantes ouvem falar sobre LVC, apesar da maioria (53,8%) responder que ouvem falar sobre a doença, 15,4% afirmaram nunca ter ouvido falar sobre e 30,8% afirmaram que ouviram poucas vezes a respeito da enfermidade. Quando questionados acerca da prevenção da doença, grande parte (85,7%) dos alunos afirmaram que existiam métodos de prevenção e entre os principais métodos expostos, o com maior conhecimento entre os entrevistados foi o uso da vacina (52,9%). As vacinas podem ajudar a reduzir a gravidade dos sintomas e diminuir a carga parasitária nos cães infectados, mas sua capacidade de prevenir completamente a infecção ainda é debatida. Além disso, a vacinação pode variar em sua eficácia dependendo da região geográfica e da exposição do cão ao vetor. Embora a vacinação possa ser uma ferramenta útil em determinadas situações, sua aplicação deve ser complementada por outras estratégias de controle, como o uso de repelentes, eliminação de vetores e diagnóstico precoce (BRASIL, 2006).

#### 4. CONCLUSÕES

A falta de conhecimento sobre a doença se revelou evidente entre a população, médicos veterinários e estudantes de medicina veterinária da cidade de Bagé/RS. A baixa familiaridade com termos como "zoonose" e "agente etiológico" destaca a necessidade de esforços educacionais abrangentes para aumentar a conscientização sobre a LVC e sua transmissão.

Dessa forma foi desenvolvida uma cartilha virtual que foi disponibilizada à comunidade através de um QR code e um banner contendo informações sobre o que é a enfermidade, quais as causas, sinais clínicos, meios de diagnóstico e prevenção.

A baixa porcentagem de entrevistados que afirmaram nunca terem ouvido falar da LVC, mesmo entre estudantes de medicina veterinária, ressalta a necessidade de um esforço conjunto entre instituições educacionais, autoridades de saúde e profissionais veterinários para aumentar a divulgação e o entendimento dessa doença negligenciada.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de vigilância e controle da leishmaniose visceral. **Normas e manuais técnicos**. 1 ed., 3. reimpressão. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral**. 1. ed., 5. reimpressão. Brasília, 2014.

COSTA, D. N. C. C. et al. Controle da leishmaniose visceral canina por eutanásia: estimativa de efeito baseado em inquérito e modelagem matemática. *Cadernos de saúde pública*, v. 36, n. 2, 2020.

JUNIOR, J. D. F. et al. Leishmaniose visceral canina: Revisão. **Pubvet**. v.15, n.03, p.1-8, 2021.

SCHIMMING, B. C.; PINTO E SILVA, J. R. C. LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA - Revisão de literatura. **REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE MEDICINA VETERINÁRIA**. Ano X, n. 19, 2012.

SILVA, C. M. H. S. S.; WINCK, C. A. LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA: REVISÃO DE LITERATURA. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. v. 16, n. 1, 2018.

SOLANO-GALLEGO, L. et al. Directions for the diagnosis, clinical staging, treatment and prevention of canine leishmaniosis. *Veterinary parasitology*, v. 165, n. 1–2, p. 1–18, 2009.